

Os índios não querem mais paternalismos

E reagem contra a falsa autenticidade que lhes impuseram

Sempre houve, por parte dos antropólogos que trabalharam no Parque Indígena do Xingu, um certo pudor quanto a analisar as implicações da orientação indigenista imprimida ao PIX desde a sua criação. Este pudor se explicava: tudo aquilo que era vagamente sentido como "negativo", na experiência do PIX, era mais que compensado pelos aspectos positivos, sobretudo quando comparávamos o que víamos com o restante da cena indígena brasileira. Nisso, esquecíamos que o PIX, mesmo por sua singularidade modelar, ocupa um lugar estrutural nesta cena. Ademais, o referido pudor tinha atrás de si uma aura de temor. Pois avaliar criticamente os efeitos da política do Parque do Xingu, e seu papel ideológico dentro da política indigenista oficial, significa "criticar" a atuação dos irmãos Villas Boas — já que a simbiose, na consciência nacional, entre o PIX e os Villas Boas é outro aspecto peculiar da experiência xinguanas. Ora, tal empresa era arriscada, quando não insensata; o lugar dos Villas Boas na mitologia brasileira é o lugar dos heróis, e pobres dos que criticam os heróis deste país, que deles tanto carece. Some-se ainda o franco e proclamado desprezo destes indigenistas pela profissão de antropólogo, e aí se entende o emudecer de qualquer crítica.

No entanto, recentes eventos — o afastamento de Olímpio Serra da direção do parque, por ter protestado contra a filmagem de uma telenovela na região, a qual usou índios como figurantes; a veemente reação indígena contra o autoritarismo da Funai, incluída mesmo com a intervenção dos Villas Boas; os ataques desferidos pelos Villas Boas e jornalistas a eles ligados contra a administração de Olímpio Serra e o "estado atual" do parque; e finalmente a demissão do ex-diretor por ter respondido às acu-

Eduardo B. Viveiros de Castro, antropólogo do Museu Nacional do Rio, escreveu sua tese de mestrado sobre o Parque Nacional do Xingu



sações — sugerem a necessidade de um resgate crítico da experiência do Parque do Xingu, para melhor situá-la na história do indigenismo oficial.

Um parque de símbolos. Quero examinar aqui uma feição particular da experiência xinguanas: o processo de transformação dos índios do Alto Xingu em símbolo. Neste exame, é inevitável a menção aos Villas Boas e ao estilo de indigenismo que encarnam, pois me parece que uma mesma lógica e uma mesma política subjazem à criação dos Villas Boas e dos índios do Xingu em símbolos nacionais complementares. Minha preocupação, em todo caso, é com os índios: não se fica símbolo impunemente. Quanto custa ser a metáfora de si mesmo? Esse é o dilema dos xinguanos, hoje.

A telenovela que deu pretexto a toda esta discussão não é fenômeno inesperado; ela é, na verdade, apenas o último capítulo de uma mais longa novela: o cerimonial interétnico em que os xinguanos se viram obrigados a desempenhar funções rituais importantes, e isso já se desenrola há quase vinte anos.

O contato entre a sociedade nacional e os grupos do parque tem, como dimensão dominante, a dimensão simbólica. O PIX, sobre ser um lugar de confrontação real entre várias agências e agentes da sociedade nacional e um sistema social indígena, é também um "parque de símbolos", um espaço ritual, um teatro ideológico.

A criação e preservação do PIX deveu-se, além do fato de que a região, até recentemente, estava protegida das frentes de expansão, a um esforço de propagação ideológica de uma certa visão indigenista, fundada no humanismo, na valorização dos modos de vida indígenas, na não-interferência direta nos sistemas sociais indígenas. Esta propagação foi bem sucedida: desde as famosas re-

portagens de *O Cruzeiro*, na década de 50, passando pelo *Quarup* de Antonio Callado, por incontáveis reportagens coloridas em magazines estrangeiros, fotos em livros de luxo sobre o Brasil exótico, cartões-postais, filmes para televisão etc., pode-se dizer, hoje, que pelo menos 80% do material sobre índios brasileiros que atinge os meios de divulgação urbanos referem-se aos índios xinguanos, normalmente usando-os como referência metonímica ao "índio brasileiro" em geral. Com isto, o índio xinguanos veio a substituir, na consciência urbana média, o velho tupinambá dos manuais escolares na função de transformar o particular em geral. Ele se tornou "o índio"; tornou-se o apoio visual das fantasias dos urbanistas sobre as fronteiras entre a natureza e a cultura.

Ao contrário de todos os demais grupos tribais brasileiros, cuja presença e miséria se fazem sentir sobretudo frente à população do interior, aos camponeses, posseiros, peões, patrões de seringal, gerentes de empresas agropecuárias, os índios xinguanos (e especialmente os grupos do sul do parque) existem sobretudo para setores da sociedade brasileira distantes geograficamente e socialmente — os setores médios das grandes cidades. Esta experiência "à distância", simbólica e paradoxal por excelência, teve também seus aspectos concretos. Assim, grande parte da interação efetiva dos índios do Xingu com a sociedade envolvente se deu com representantes dos segmentos privilegiados desta: pesquisadores, turistas, repórteres, dignitários de Estado etc. O Xingu foi roteiro obrigatório de reis da Bélgica, embaixadores do Japão, cinegrafistas franceses, até, pasme-se, de alpinistas austríacos e de multidões de brasileiros ricos. Foi exatamente esse tipo de visitantes, aliás, que desde cedo difundiu no Xingu uma quantidade de bens exóticos e "supérfluos", de cuja presença hoje se queixam alguns indigenistas. O índio xinguanos teve acesso, quase que ao mesmo tempo, à enxada e ao gravador. Em contrapartida, eram índios xinguanos que iam às cidades representar o "índio brasileiro" em certas e especiais ocasiões, outros tantos rituais interétnicos — bienais, exposições, encontros com presidentes etc. A cultura xinguanas preservava-se na medida em que servia como exemplar da miserável e explorada população indígena do país, requisitada sempre que se fazia necessário dar um toque de "brasilidade" a alguma coisa.

Tristes tropes. Hoje creio estarem os antropólogos e sertanistas em geral

O índio e a espingarda: a inocência se foi, mas não estará nascendo a consciência?



Edison Martins

em condições de avaliar melhor os resultados desse sistema ideológico. O Parque do Xingu, uma *conquista* real do indigenismo, acabou funcionando como *legitimação* da política indigenista oficial. Pelo contexto em que se inseriu, o PIX veio a ser arma de dois gumes. Por um lado, para os xinguanos, o estar na vitrina transformou-se numa *estratégia de sobrevivência*, de que tinham consciência e de que se sabiam utilizar, não sem mostrar uma fina ironia; para aqueles que olhavam a vitrina, era um cenário que dava uma boa idéia da riqueza e beleza de um Brasil indígena destruído pela cupidiez e estupidez incuráveis da civilização ocidental. Mas há outro gume: para os xinguanos, a missão de serem metáforas de si mesmos produziu uma relativa *alienação da sua consciência étnica*; do ponto de vista nacional, serviu habilmente para mascarar e desviar a atenção dos massacres, exploração e descaso oficial a que estavam e estão submetidos os demais povos indígenas. Daí o fato mais importante de toda esta novela em torno da mudança de direção do PIX ser, sem dúvida, a reação dos xinguanos, recentemente transmitida aos próprios responsáveis pela política indigenista do país. Isso indica que algo está mudando. Os índios se manifestaram contra a saída de Olímpio Serra, a forma como ela se deu (sem que fossem consultados os índios, naturalmente...), contra a exibição da telenovela *Aritana*. Nem mesmo a intervenção de Orlando Villas Boas, ao apresentar o novo diretor, foi bem recebida no Xingu.

E é curioso observar como esta rea-

ção foi interpretada. Ela foi considerada "inautêntica"; sugeriu-se que os índios tinham sido "industriados" pelo ex-diretor e que os líderes da reação não passavam de uma elite assalariada do posto Leonardo Villas Boas, a qual estaria se sobrepondo às "lideranças históricas" dos grupos. Pior ainda: pintou-se um negro quadro da "descaracterização cultural" dos xinguanos, agora ferozes consumidores de bens supérfluos e de idéias exóticas. Foi-se a inocência.

De fato, parece que a "inocência se foi"; em seu lugar, constrói-se a consciência de si. Isto se deve a vários fatores, dos quais os mais importantes são, creio eu, o relativo vácuo de poder criado pela saída dos Villas Boas em 1975 — isto, mais que quaisquer "idéias" postas por Olímpio Serra na cabeça dos índios, permitiu uma expressão mais autônoma das lideranças xinguanas, sem a mediação paternal mas firme dos antigos diretores — e o amadurecimento de uma nova geração, cuja experiência do mundo dos brancos é mais diversificada do que a de seus pais. O argumento da "manipulação" dos índios por algum branco não deve nem ser considerado: ele exprime um profundo desrespeito pelos índios, ao julgá-los incapazes de serem mais que puros objetos de êxtase estético-moral por parte dos brancos.

Quanto à questão da formação de lideranças espúrias, que percebem altos salários, devemos examiná-la com cuidado. Em primeiro lugar, as "lideranças históricas" são, também elas, frutos e função de um contato com os brancos. Boa parte dos velhos líderes

xinguanos foram auxiliares indispensáveis dos Villas Boas nos tempos iniciais do contato e do PIX, e isto ajudou, quando não foi decisivo, na consolidação do poder de todos (Villas Boas inclusive). Em segundo lugar, pelo menos uma destas lideranças históricas, Kanatu (um dos chefes iauapiti), manifestou-se violentamente contra o modo traumático com que todo o processo do afastamento de Olímpio Serra se desenrolou.

Por fim, não creio que os empregados do posto Leonardo (a "elite" assalariada), em sua maioria originários de grupos do norte do parque (o posto Leonardo assiste os grupos do sul do PIX, que formam um sistema altamente integrado em termos sócio-culturais), tenham condições de impor alguma liderança sobre os "xinguanos históricos", isto é, os grupos do sul. A questão geral da liderança, porém, não deixa de ser sintomática. Como houve reação, buscam-se os "líderes" — indivíduos, sempre indivíduos...

Quanto à "descaracterização cultural" dos xinguanos, eis aí um juízo pelo menos suspeito, ainda mais por lançar mão de um clichê sempre eficaz. A força de uma cultura não se mede nem se mostra apenas, ou principalmente, por sinais externos — mede-se e mostra-se também pela capacidade de formular respostas aos problemas do mundo em que se insere. Os "bens supérfluos" que os xinguanos são acusados de consumir merecem uma palavra. Em primeiro lugar, a noção de "supérfluo" não faz grande sentido fora de uma economia capitalista; a economia xingwana é uma economia de prestígio, regida por princípios bem diferentes dos de produtividade e rentabilidade. Assim, a queixa, aparentemente purista, peca por partir de princípios etnocêntricos. Em segundo lugar, o consumo de "supérfluos" pelos xinguanos me parece bastante justo — era assim que eles eram pagos pelo aluguel de sua força de trabalho simbólico. Eles também eram consumidos como "supérfluos", artigos de luxo. Por fim, o mundo xingvano não é, nem nunca foi, aquele mostrado nos livros ilustrados para exportação — ou melhor, foi sim, de certa maneira. De maneira paradoxal. E o paradoxo da identidade xingwana é esse: para serem eles mesmos, os índios xinguanos precisaram abandonar a máscara de autenticidade que lhes foi imposta. Na reação à arbitrariedade, paternalismo e desprezo com que foram tratados, deixaram pela primeira vez de ser metáforas e passaram — ao pé da letra — à raiz. É o dilema xingvano, hoje, é esse: "ser índio" ou *ser índio*.